

“la Repubblica”, 15 de Fevereiro de 2013

A cruz de Ratzinger

Caro Director,

O seu editorial sobre o anúncio de Bento XVI descreve a situação em que todos nos viemos a encontrar na manhã de segunda-feira: «É uma notícia universal, que dá a volta ao mundo e o espanta. (...) Não se pode fingir que não é nada».

Por um instante o mundo parou. Todos, onde quer que estivéssemos, ficámos suspensos em silêncio, revendo-nos nas caras igualmente perplexas dos que estavam ao pé de nós. Nesse minuto de silêncio estava tudo. Nenhuma estratégia de comunicação teria podido provocar semelhante impacto: estávamos perante um acontecimento tão incrível como real, que se impôs com tal evidência que atraiu toda a gente, fazendo-nos levantar o olhar das coisas habituais.

O que é que foi capaz de encher o mundo inteiro de silêncio, subitamente?

Esse minuto surpreendente queimou de uma assentada todas as imagens que geralmente temos do cristianismo: um acontecimento do passado, uma organização mundana, um conjunto de funções, uma moral acerca de coisas que se pode ou não fazer. Não, nada disto consegue dar razões adequadas para o que sucedeu no dia 11 de fevereiro. Tem de se procurar a explicação noutro lado.

Por isso, perante o gesto papal disse para mim: será que alguém se perguntou quem é Cristo para Joseph Ratzinger, quando a união com Ele o induziu a realizar um ato de liberdade tão surpreendente que todos – crentes e não crentes – reconheceram como excepcional e profundamente humano? Evitar esta pergunta deixaria sem explicação o sucedido e, o que é pior, perderíamos o que de mais precioso nos testemunha. Este acontecimento proclama, com efeito, a que ponto na vida do Papa a pessoa de Cristo é real, a que ponto Cristo deve ser para ele contemporâneo e intensamente presente para gerar um gesto de liberdade em relação a tudo e a todos, uma novidade inaudita, tão impossível ao homem. Cheio de assombro, fui então obrigado a voltar o meu olhar para aquilo que o tornava possível: quem és Tu, que fascinas um homem até torná-lo tão livre também em nós o desejo dessa mesma liberdade? «Cristo atrai-me todo a Si, tão belo é», exclamava outro apaixonado por Cristo, Jacopone da Todì: não encontrei outra explicação.

Com a sua iniciativa, o Papa deu um tal testemunho de Cristo que fez transparecer potentemente toda a Sua atratividade, a tal ponto que de, algum modo, ela nos aferrou a todos: estávamos diante de um mistério que prendia a atenção. Temos de admitir que é muito raro encontrar um testemunho que obrigue o mundo, ao menos por um instante, a ficar calado.

Se bem que, imediatamente a seguir, a distração já nos estava a desviar noutro sentido, fazendo-nos resvalar – vimos isso em muitas reações – para o inferno das interpretações e do calculismo da “política eclesiástica”, impedindo-nos de ver o que realmente nos conquistou naquilo que aconteceu, ninguém poderá jamais eliminar de cada fibra do nosso ser esse interminável instante de silêncio.

Não apenas a liberdade, mas também a capacidade do Papa de ler a realidade, de captar os sinais dos tempos, grita a presença de Cristo. Falando de Zaqueu, o publicano que subiu a um sicómoro para ver passar Jesus, Santo Agostinho diz: «E o Senhor olhou precisamente para Zaqueu. Ele foi olhado e então viu. Se não tivesse sido olhado, não teria visto». O Papa mostrou-nos que só a experiência presente de Cristo permite “ver”, ou seja, usar a razão com lucidez, até chegar a um juízo absolutamente pertinente sobre o momento histórico e imaginar um gesto como o que ele realizou: «Fi-lo em plena liberdade para o bem da Igreja, depois de ter longamente rezado e ter examinado diante de Deus a minha consciência, bem ciente da gravidade de tal acto mas igualmente ciente de já não ser capaz de desempenhar o ministério petrino com a força que o mesmo exige». Um realismo inaudito! Mas onde tem origem? «Anima-me e ilumina-me a certeza de que a Igreja é

de Cristo, o Qual não lhe deixará jamais faltar a sua orientação e a sua solicitude» (Audiência Geral de Quarta-feira, 13 de fevereiro de 2013).

O último ato deste pontificado parece-me ser o supremo gesto de um pai mostrando a todos, dentro e fora da Igreja, onde encontrar a certeza que nos torne verdadeiramente livres dos medos que nos tolhem. E fá-lo com um gesto simbólico, como os antigos profetas de Israel que, para comunicar ao povo a certeza do regresso do exílio, faziam a coisa aparentemente mais absurda: comprar um campo. Também ele está tão certo de que Cristo não deixará faltar a Sua orientação e a Sua solicitude à Igreja que, para o proclamar a todos, realiza um gesto que a muitos pareceu absurdo: pôr-se de lado para deixar a Cristo o espaço para proporcionar à Igreja um novo guia com forças necessárias para levar a cabo a tarefa.

Mas isso não reduz o valor do gesto unicamente à Igreja. Através da solicitude da Igreja, segundo o Seu misterioso desígnio, Cristo apresenta ao mundo um sinal no qual todos podem ver que não estão sós com a sua impotência. Assim, «no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância», que com frequência provocam confusão e desorientação, o Papa oferece a todos os homens uma rocha onde podem ancorar a esperança que não teme as tormentas quotidianas, permitindo-lhes encarar o futuro com confiança.

Julián Carrón

*O autor é Presidente da Fraternidade
de Comunhão e Libertação*